

UNIDOS

por uma causa

DF - BRASÍLIA

ALÉM DOS MOTORISTAS, QUE NÃO QUEREM PAGAR POR UMA VAGA QUE ATÉ ENTÃO ERA GRATUITA, OS FLANELINHAS RESISTEM EM TRABALHAR PARA EMPRESA QUE IMPLANTARÁ O SISTEMA. ELES VÃO PERDER DINHEIRO

Leandro de Souza

Os idealizadores do Vaga Fácil não enfrentarão apenas a hostilidade inicial dos motoristas brasilienses. Uma segunda frente de resistência foi formada: a União dos Flanelinhas de Brasília (Uniflan). Enquanto os comerciantes querem ganhar clientes, os flanelinhas não querem perder. A concessionária que explorará o serviço se propôs a contratar os guardadores de carros para preencher 800 vagas de monitor. No entanto, o salário proposto está sendo rejeitado. Os flanelinhas têm o apoio dos donos dos carros e avisam que vão resistir enquanto puderem.

André Lima Sampaio explica que muitos benefícios sociais serão gerados pelo sistema. O Vaga Fácil permitirá que centenas de flanelinhas saiam da informalidade. Eles terão carteira assinada e todos os direitos previstos pelas leis trabalhistas. Para muitos, será a chance de ter o primeiro emprego formal, que contará tempo para aposentadoria e experiência comprovada para futuros empregos.

A Uniflan alega que o preço pago para entrar na formalidade não compensa. De acordo o flanelinha Valdivino Diogo da Silva, que faz parte do comitê

que negocia com a empresa concessionária, cada monitor receberá R\$ 300, além de vale-transporte e vale-refeição. Valdivino conta que os guardadores chegam a ganhar R\$ 1,2 mil por mês vigiando e lavando os veículos.

Valdivino tem 38 anos e desde os 12 trabalha nos estacionamentos do SCS. Ele afirma que não conseguiria viver e manter a família de forma digna ganhando R\$ 300. "Tenho esposa, quatro filhos para criar e não tenho casa própria. Com R\$ 300 eu só pago o aluguel. A maioria dos flanelinhas vivem a mesma situação", disse.

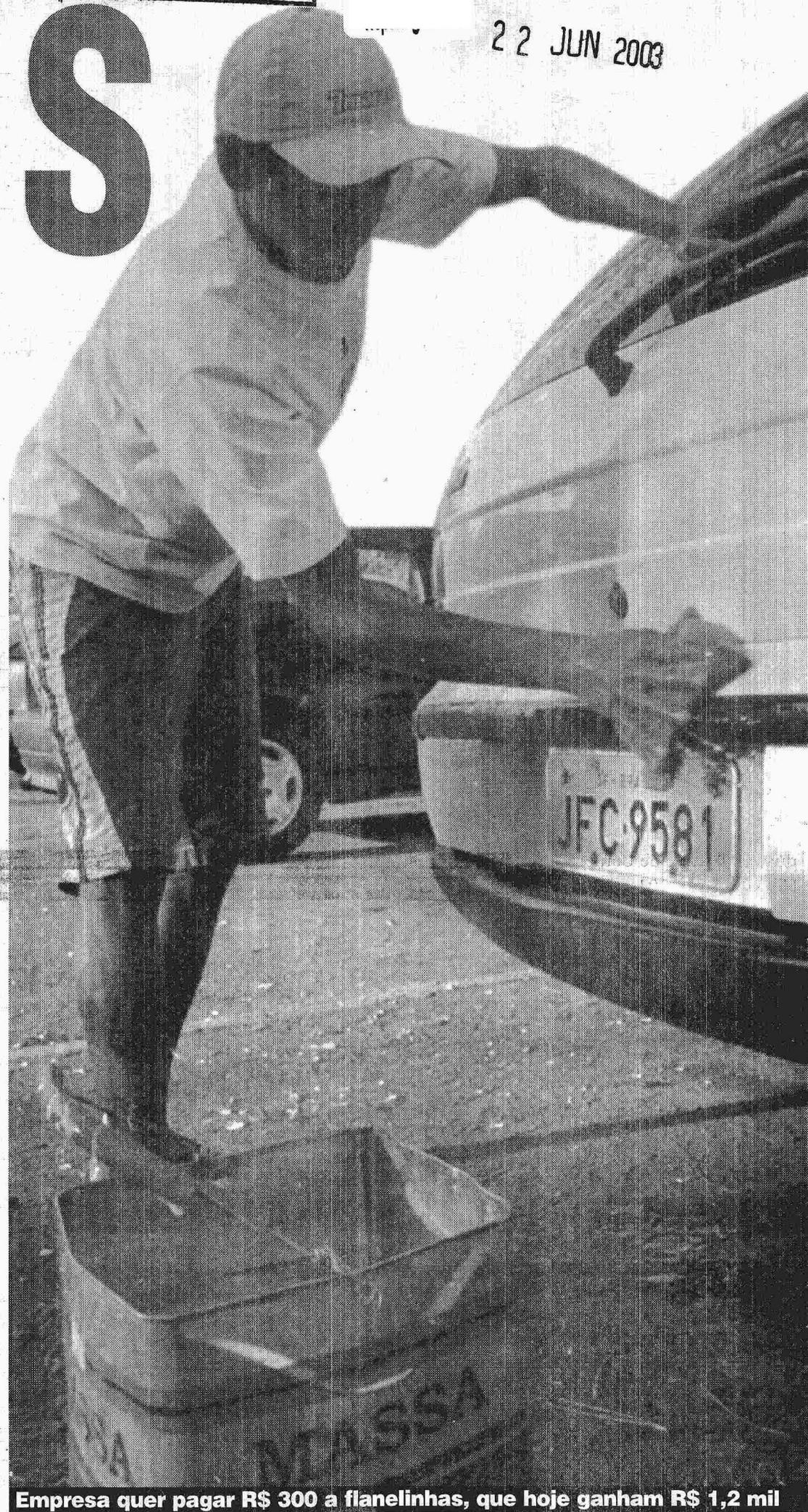
De acordo com a Uniflan, as 800 vagas de monitores não absorvem a quantidade de vigias de carros que trabalham nas ruas de Brasília. Valdivino afirma que só a União dos Flanelinhas possui 1,5 mil associados. Ele lembra ainda que nem todos os postos serão ocupados pelos atuais "monitores".

Os flanelinhas do SCS têm apoio total das pessoas que trabalham no local. "Eu contribuo com vários impostos e não aprovo o estacionamento pago. O pior é que esse serviço vai tirar o ganha-pão dos rapazes que cuidam dos carros", disse Gonzaga Cavalcante, gerente do posto de vendas de passes estudantis. "Eles trabalham muito bem, não tenho do que me queixar", acrescentou.

Os carros ficam sob total responsabilidade dos flanelinhas. Seus donos entregam as chaves dos automóveis de manhã e só pegam no final do dia. Uma espécie de escritório foi montado embaixo das árvores. Numa velha mesa executiva, dezenas de chaves e outros objetos são guardados. "Há anos deixo meu carro com os vigias e nunca houve problema. Eles cuidam muito bem dele", disse a autônoma Camila Guimarães, de 22 anos.

André alerta que o sistema não visa atender as pessoas que trabalham no Setor Comercial Sul e demais áreas que terão o sistema de vagas pagas. "O objetivo é dar rotatividade nos estacionamentos. Não é para ninguém parar o carro e ficar o dia inteiro. O objetivo é promover o fluxo de consumidores no local", disse.

Faltam apenas dez dias para a implantação do Vaga Fácil no SCS. A Uniflan e a empresa administradora dos estacionamentos ainda não chegaram a um consenso. Como contra-proposta, os flanelinhas sugeriram o salário de R\$ 600 ou o direito exclusivo de vender os bilhetes, que podem ser vendidos pelos comerciantes próximos aos estacionamentos. Na quarta-feira, os diretores do Vaga Fácil e a comissão da Uniflan tentarão encontrar uma saída para o impasse.



Empresa quer pagar R\$ 300 a flanelinhas, que hoje ganham R\$ 1,2 mil